La Comédiathèque

A corda



Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

A corda

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num país governado por um tirano, onde a contestação cresce e a repressão se intensifica, um médico e um padre confrontam-se com uma questão: os deveres sagrados das suas profissões devem prevalecer sobre as suas responsabilidades enquanto cidadãos? Em jogo estão a vida ou a morte do ditador e, com elas, a sobrevivência do regime ou a aceleração da sua queda...

Personagens

O médico

O padre

© La Comédiathèque

O gabinete de um médico militar no Palácio Presidencial. Nada permite identificar o país ou a época. No entanto, o retrato imponente de um general fardado, coberto de condecorações, que domina a parede por cima da secretária indica que a ação decorre num país governado por um tirano. O médico, de bata branca, está sentado à secretária. Pode ter qualquer idade, embora isso contribua naturalmente para a caracterização da personagem. Tira uma imagem médica de um processo clínico, levanta-se e observa-a à contraluz, diante de uma janela imaginária do lado do público. O telefone toca. Volta à secretária, guarda a imagem no processo e atende.

Médico – Sim, sargento...? Sim... Muito bem, deixe-o entrar...

Entra um padre de batina preta. Pode ser jovem ou idoso, mas a sua idade e a diferença de idades em relação ao médico influenciarão a caracterização da personagem e a relação entre ambos.

Padre – Capitão...

O médico levanta-se para o receber.

Médico – Bom dia, Padre... Ou devo tratá-lo por tenente? Afinal, também é militar.

Padre – Já lá vai o tempo dos monges-soldados. Sou, antes de mais, o capelão do Palácio. Tal como o senhor é, acima de tudo, médico, suponho. Nenhum de nós está destinado a integrar unidades de combate, pois não? A nossa missão é apoiar os nossos camaradas e prestar-lhes auxílio quando precisam.

Médico – Receio que fôssemos ambos péssimos combatentes.

Padre – Posso chamar-lhe Doutor, se preferir.

Médico – Chame-me o que quiser, Padre... Desde que não me chame «meu filho»...

Padre – Vou tentar lembrar-me.

Médico – Em todo o caso, obrigado por ter vindo tão depressa. Na verdade, é o primeiro. Mas faça favor de se sentar... Aceita um café? Um bolo...?

Padre – Obrigado, não é preciso. (Senta-se.) Então... creio que se trata de uma vacina.

Médico – Espero que não tenha medo de agulhas...

Padre – Não... Mas confesso que perdi o meu boletim de vacinas.

Médico – Não se preocupe. Nunca nenhum dos meus pacientes conseguiu mostrar-me o seu boletim de vacinas. Nem eu sei muito bem onde meti o meu...

Padre – Nesse caso, estou à sua disposição, Doutor.

Médico – Toda a gente no Palácio vai ter de ser vacinada... Com tantos vírus a circular ultimamente... O General está em excelente forma, mas já não tem vinte anos. Embora quase não saia do Palácio, temos de o proteger, tanto quanto possível, de qualquer contágio vindo do exterior. E, para isso, é necessário vacinar quem o rodeia de perto. E todas as pessoas que possam entrar em contacto com ele.

Padre – Claro. Antigamente, creio que se chamava a isso um cordão sanitário...

Médico – Esperemos que resulte melhor na medicina do que na política...

Padre – Rezo pelo General todos os dias, mas sei perfeitamente que não devemos dispensar a ajuda da ciência.

Médico – Sim... De certa forma, dividimos o trabalho. Como médico particular do General, cuido da saúde do seu corpo. E, como seu confessor, o Padre ocupa-se da salvação da sua alma.

Padre – E não sei qual de nós tem a tarefa mais difícil...

O médico parece surpreendido por esta observação discretamente subversiva, que o incentiva a abrir-se.

Médico – De facto, vivemos tempos difíceis. Como médico do Palácio, não enfrento diretamente os problemas com que os meus colegas se deparam, mas sei que, nos últimos dias, os feridos não param de chegar ao hospital.

Padre – Os últimos motins fizeram muitas vítimas. Quando a medicina já nada pode fazer por essas pessoas, por vezes vou confortá-las antes de entregarem a alma a Deus.

Médico – Os motins... Ou melhor, a repressão impiedosa dos motins.

Padre – Não podemos deixar que a desordem se instale, pois não...? Esperemos que se encontre uma solução pacífica o mais depressa possível.

Médico – A esperança... Isso é com a Igreja... Quem está na rua prefere exigir.

Padre – Entre a esperança e a exigência, talvez ainda haja espaço para negociar. Não acredita na possibilidade de uma transição democrática?

Médico – Uma transição democrática...? Quando o líder da oposição acaba de ser preso e atirado para a cadeia sem sequer uma farsa de julgamento?

Padre – Não disse que aprovava esses métodos...

Médico – A repressão agrava-se de dia para dia... O que mais receio é uma guerra civil. E, depois de uma guerra começar, já não há lugar para compromissos. A paz só pode ser negociada entre quem perdeu e é obrigado a render-se e quem venceu e impõe as suas condições.

Padre – Se houver guerra, todos sairão a perder... É crente, Doutor?

Médico – Vou à missa com a família aos domingos... Pelo ambiente... Acredito em certas coisas... Em certos valores...

Padre – Já é um começo...

Médico – Gostava de acreditar mais no seu Deus, Padre. Mas, nos tempos que correm, não faltam razões para duvidar...

Padre – Diz-se que é a praticar que se aprende. E, por vezes, é a rezar que se recupera a fé... É por isso que os rituais são tão importantes em todas as religiões.

Médico – Até agora, ia à igreja sobretudo para sentir que pertencia a uma comunidade. Mas, no nosso país, quem vai à missa tornou-se uma fação da qual já não sei se quero fazer parte.

Padre – Infelizmente, o poder sempre procurou instrumentalizar a Igreja.

Médico – Há quem veja nela apenas um instrumento do poder.

Padre – É precisamente por isso que, acima de tudo, é preciso acreditar em Deus, mesmo quando se desconfia da Igreja.

Médico – Parece-me que, antes de acreditar em Deus, é preciso acreditar no ser humano. Acredita no ser humano, Padre?

Padre – Acredito na possibilidade da sua redenção perante Nosso Senhor. Quanto ao resto, confio nas leis dos homens.

Médico – Estou a ver... Dar a César o que é de César... E lavar as mãos de tudo isso. Mesmo quando César se tornou um tirano?

O padre parece pouco à vontade.

Padre – A minha vocação é ouvir, Capitão. E não tenho alma de delator. Ainda assim, aconselho-o a ter cuidado. Estamos no Palácio, não num confessionário, e aqui até as paredes têm ouvidos...

Médico – Vá lá, Padre... Não é um monge. Não vive num mosteiro, isolado do mundo. Ao não fazermos nada, estamos a ser cúmplices. Sabe-o tão bem como eu... Também tem uma responsabilidade...

Padre – Claro... Nenhum de nós pode fugir às suas responsabilidades. Sou apenas um homem, como o senhor. Os padres também têm pecados para confessar, sabe...?

Médico – Ouvir os pecados de um padre não deve ser assim tão terrível... Vaidade... Gula... Tentações... Mas ouvir a confissão de um ditador sanguinário, todos os domingos antes da missa... Ter de o absolver dos seus crimes... Isso já não deve ser tão fácil...

Padre – Compreenderá que tenho de guardar o segredo que a minha função me impõe... Mas parece-me que o preocupa uma questão mais concreta...

Médico – De facto, não o chamei cá apenas por causa de uma vacina.

Padre – Estou a ouvi-lo...

O médico hesita.

Médico – Não sei se conhece esta história. Quando Hitler era criança, caiu num rio em pleno inverno. Um colega atirou-se à água, arriscando a vida para o salvar. Esse rapaz corajoso viria a tornar-se padre...

Padre – Não conhecia essa história... E que lição tira dela?

Médico – Se aquela boa alma tivesse deixado o pequeno Adolf afogar-se, o curso da História teria sido diferente, não teria?

Padre – Provavelmente...

Médico – Diz-se que, por vezes, de um mal pode nascer um bem. Portanto, uma boa ação também pode dar origem a uma catástrofe.

Padre – Por vezes, sem dúvida.

Médico – Daí esta questão filosófica, que até podia sair num exame: será realmente fazer o bem salvar a vida de um tirano que se está a afogar?

Padre – Mas, nessa história, tratava-se apenas de uma criança...

Médico – Sim...

Padre – Uma criança cujo destino não estava necessariamente traçado.

Médico – Pois...

Padre – A vida dessa criança podia ter seguido um rumo completamente diferente. Se, por exemplo, não tivesse reprovado duas vezes no exame de admissão à Academia de Belas-Artes de Viena, talvez se tivesse tornado pintor...

Médico – É uma possibilidade.

Padre – Vai também responsabilizar os examinadores pelo Holocausto?

Médico – Não sei...

Padre – No fim de contas, o destino de cada pessoa resulta de uma infinidade de acasos sucessivos.

Médico – E se esses acasos não fossem verdadeiramente acasos? Se fôssemos apenas o resultado das inúmeras causas que nos determinam? Se tudo já estivesse escrito?

Padre – Nesse caso, também já estava escrito que Hitler escaparia ao afogamento. E que reprovaria no exame de admissão a Belas-Artes. E ninguém seria responsável pelo que Hitler fez mais tarde. A não ser ele próprio, claro.

Médico – Para si, o determinismo estaria, portanto, subordinado ao livre-arbítrio?

Padre – Uma coisa é certa: ninguém consegue prever o futuro com absoluta certeza. Como médico, salva vidas. Também salva crianças. Sem saber o que elas virão a ser...

Médico – Sim, mas e se eu soubesse...? É uma simples hipótese. Se tivesse sido eu a ver o pequeno Adolf afogar-se. Sabendo no que se transformaria. Num monstro...

Padre – Já lhe disse que é uma hipótese absurda... E então? Teria deixado aquela criança afogar-se...?

Médico – É essa a pergunta que faço a mim próprio... (Volta-se para o público.) E que lhes faço...

O padre fica imóvel, como se o tempo parasse. Uma mudança de luz indica que este aparte dirigido ao público, quebrando a quarta parede, suspende momentaneamente a ação.

Médico – Imaginem... Vão a passear junto a um rio e veem uma criança a afogar-se. Sabem que essa criança é Adolf Hitler. Atiram-lhe uma corda para a tirar da água ou não? Nem sequer têm de arriscar a vida atirando-se ao rio. E podem perfeitamente fingir que não a viram. Não têm de escolher entre o heroísmo e a omissão de auxílio a alguém em perigo; têm apenas de tomar uma decisão. A criança pede socorro. O que fazem? Atiram-lhe uma corda para a salvar ou deixam-na morrer? Não é fácil responder, pois não?

Uma pausa.

Médico – Quem lhe atiraria uma corda? Levantem a mão... (Dá tempo para o público levantar ou não a mão.) Quem desviaria o olhar e seguiria caminho? Levantem a mão... (Dá tempo para o público levantar ou não a mão.) Está bem... E agora... Se não fosse o pequeno Hitler, mas uma figura política que pudesse tornar-se tirana se fosse eleita. Não sei... Uma dessas pessoas que todos conhecemos... Estender-lhe-iam a mão para lhe salvar a vida? Também não é fácil, pois não? Haverá uma única resposta de princípio, ditada pela moral... ou será preciso avaliar cada caso? E, nesse caso, onde traçar o limite? Com que critérios decidir quem salvar e quem deixar morrer?

A luz e a situação regressam ao que eram, como se este aparte nunca tivesse acontecido. A ação recomeça onde tinha ficado.

Padre – Tenho a sensação de que estas perguntas não são apenas teóricas.

Médico – Preciso de um conselho, é verdade. Mas foi o Padre que disse que não estamos num confessionário...

Padre – Se assim o desejar, posso ouvi-lo em confissão.

Médico – E não poderia revelar a ninguém o que eu lhe dissesse?

Padre – É esse o princípio do sigilo da confissão. Tal como o sigilo médico.

Médico – Desculpe, mas... com os tempos que correm, não me vejo à espera da minha vez para me confessar.

Padre – Um padre pode ouvir uma confissão em qualquer lugar.

Médico – Aqui? Agora?

Padre – Como capelão deste Palácio, estou à sua disposição.

Médico – Muito bem. Então quero confessar-me, Padre...

O padre abandona a postura de conversa e assume a atitude própria da confissão, fazendo o sinal da cruz.

Padre – Rezemos juntos para que Deus nos conceda a graça de reconhecer os nossos pecados.

Médico – Ámen...

Padre – Estou a ouvi-lo, meu filho.

Médico – Tenho um problema de consciência a expor-lhe, Padre.

Padre – Farei o possível para o ajudar a encontrar uma resposta. À luz dos ensinamentos de Nosso Senhor.

Médico – Examinei o General há algumas semanas. Um exame de rotina. E detetei uma anomalia cardíaca... que outros exames vieram confirmar.

Padre – Uma anomalia...?

Médico – Mais precisamente, um aneurisma da aorta abdominal... Sim, até os ditadores têm coração, sabe...?

Padre – Isso é preocupante... É grave, suponho...

Médico – É.

Padre – Mas pode ser tratado?

Médico – Com cirurgia e tratamento adequado, sim. Se for descoberto a tempo.

Padre – Então onde está o dilema?

Médico – Se comunicar essa anomalia a um colega, o General será tratado e poderá viver ainda muitos anos...

Padre – E...?

Médico – Se não a comunicar, morrerá nas próximas semanas. Talvez amanhã. E é provável que a ditadura não lhe sobreviva...

O padre fica por instantes sem palavras.

Padre – Não está a pensar nisso a sério...?

Médico – É uma oportunidade única de mudar o curso da História, não acha? De derrubar este regime e poupar a vida aos opositores que são fuzilados todos os dias nos pátios das prisões. Ou aos que caem sob as balas da polícia quando se manifestam nas ruas. Ainda há pouco falava da possibilidade de uma transição democrática...

Padre – Condenando à morte um doente que lhe confiou a vida?

Médico – Para salvar muitas outras, sim. Porque não encarar isso como um ato de resistência?

Padre – Porque, antes de ser um cidadão empenhado, é médico! Está vinculado ao Juramento de Hipócrates!

Médico (citando o Juramento de Hipócrates) – Nunca provocarei deliberadamente a morte. Primum non nocere...

Padre – Antes de mais, não causar dano...

Médico – É precisamente por isso que lhe falei de um problema de consciência... Tenho de escolher entre duas exigências contraditórias. O médico manda-me ver apenas o doente e tratá-lo. O cidadão manda-me ter em conta os crimes daquele homem e deixá-lo morrer, para impedir que cometa outros.

Padre – Esquece-se do militar, que tem de obedecer às ordens.

Médico – Obedecer às ordens... Por essa lógica, os julgamentos de Nuremberga teriam terminado todos em absolvições. Todos afirmavam que se tinham limitado a cumprir as ordens dos superiores...

Padre – Queria ouvir o meu conselho, não era?

Médico – Não prometi segui-lo... Mas estou a ouvir...

Padre – Que o médico cumpra o seu dever e respeite o juramento. Depois, o militar é livre de desobedecer às ordens que considere indignas. E o cidadão é livre de se revoltar, recorrendo, se necessário, a atos de resistência.

Médico – Mas, neste momento, o militar e o cidadão nada podem contra uma máquina repressiva de uma eficácia aterradora. Só o médico tem o poder de pôr fim à ditadura, precipitando a morte do ditador.

Padre – Como médico, atribui a si próprio o poder de vida e de morte sobre os doentes? Julga-se Deus?

Médico – Já que o seu Deus permite que um tirano permaneça no poder, alguém terá de intervir para o derrubar do pedestal.

Padre – Mas, como médico, está investido de uma missão sagrada, tal como eu. Todos têm direito a receber cuidados médicos, independentemente dos atos que tenham cometido, assim como até quem é culpado tem direito a ser defendido, por mais graves que sejam os seus crimes.

Médico (com ironia) – E todos os pecadores têm direito ao perdão, por mais graves que sejam as suas faltas, não é?

Padre – Se se arrependerem sinceramente, sim.

Médico – O General disse-lhe, durante a confissão, que está arrependido dos crimes que cometeu?

Padre – Isso também está abrangido pelo segredo da confissão.

Médico – Se está arrependido, não parece que isso o impeça de continuar a mandar assassinar impunemente os seus opositores. Como diretor espiritual, se me permite a observação, não parece exercer grande influência sobre ele.

Padre – Tal como o senhor, os tiranos estão convencidos de que trabalham para o bem do povo. Dizem agir segundo a sua fé e apresentam-se muitas vezes como defensores da religião...

Médico – Não me parece que esteja convencido disso.

Padre – Não me cabe julgar... Acredito no arrependimento e no perdão. E escolhi servir a Deus.

Médico – E eu, aos homens.

Padre – Sim. A todos os seres humanos. Sem exceção. Médicos, padres, advogados... somos as únicas pessoas em quem até o pior dos homens pode depositar uma confiança absoluta. É esse o nosso compromisso. Uma missão difícil e ingrata, mas indispensável. Somos a última barreira contra a barbárie. E o último recurso daqueles que toda a gente já condenou, mas em quem ainda subsiste uma centelha de humanidade.

Médico – Tudo muito bem, mas, enquanto discutimos, há cidadãos a morrer sob as balas ou a serem torturados.

Padre – E quer salvar a humanidade quebrando o seu juramento e cometendo um homicídio? Pretende acabar com uma tirania recorrendo aos métodos do tirano? Renegando o juramento que fez solenemente perante os seus colegas?

Médico – Já lhe disse. Não é uma decisão fácil...

O padre fica imóvel e a luz muda para um novo aparte com o público.

Médico (ao público) – Se fossem médicos, o que fariam no meu lugar? (Pega no processo clínico que está na secretária e mostra-o ao público.) Quem entregaria o processo a um colega, para salvar a vida deste general? Levantem a mão! (Dá tempo para que parte do público levante a mão.) Quem guardaria o processo numa gaveta e deixaria morrer o tirano? Levantem a mão! (Dá tempo para que parte do público levante a mão.) Mas não são médicos, pois não...?

A luz regressa ao normal e a ação prossegue.

Padre – É a favor da pena de morte, Doutor?

Médico – Não... Em circunstâncias normais, não.

Padre – Ou se é a favor ou se é contra a pena de morte. Não pode haver exceções. Senão, em breve, só haveria exceções. A vida é sagrada. Mesmo nos países laicos, foi em nome desse princípio que se aboliu a pena capital... Para não negar definitivamente a humanidade nem ao pior dos criminosos... e reconhecer que, por mais remota que seja, existe sempre a possibilidade de redenção.

Médico – Sou a favor da interrupção voluntária da gravidez. E, em certos casos, da eutanásia. Como médico, pode acontecer ter de provocar a morte de alguém e, portanto, contrariar o Juramento de Hipócrates. Mas devolvo-lhe a pergunta. Defende o respeito pela vida em todas as circunstâncias?

Padre – Como padre, sim.

Médico – Então é contra o aborto, mesmo em caso de violação ou quando a gravidez põe em perigo a vida da mãe? Também é contra pôr fim ao sofrimento insuportável de alguém por quem a medicina já nada pode fazer?

Padre – Como homem, não sou indiferente ao sofrimento humano...

Médico – Portanto, também coloca por vezes o homem à frente do padre, quando tem de responder aos dilemas que a realidade nos impõe. Em vez de se esconder atrás de grandes princípios morais que, por vezes, conduzem a decisões desumanas.

Padre – Como padre, não tenho o poder de tirar a vida a ninguém... Mas, se um médico me confessasse que o tinha feito em circunstâncias muito particulares e se arrependesse sinceramente, eu dar-lhe-ia a absolvição.

Médico – Nesse caso, bastará confessar-me depois da morte do General. Para aliviar a minha consciência e a sua.

Padre – Portanto, já tomou uma decisão...

Médico – Tanto mais que se compromete a absolver-me.

Padre – Está a pensar deixar morrer deliberadamente um homem. Não posso dar-lhe a absolvição antecipadamente.

Médico – Afinal, o General já é velho... Só estaria a antecipar a sua morte em alguns meses. Talvez apenas uns dias... Não se pode propriamente falar de assassínio... Digamos que se trata de evitar a obstinação terapêutica.

Padre – Está a brincar com as palavras. Mas não posso permitir que cometa uma atrocidade dessas.

Médico – Seria capaz de me denunciar?

Padre – É meu dever.

Médico – Recordo-lhe que está sujeito ao segredo da confissão!

Padre – Sim, mas existem exceções a essa obrigação de sigilo... Nomeadamente quando está em jogo a vida de alguém.

Médico – Confiei em si... E agora diz-me que o segredo da confissão não é um princípio absoluto... No passado, contudo, a Igreja manteve-se calada perante crimes muito mais abjetos...

Padre – Se alguém me revelar que tenciona matar outra pessoa ou cometer um atentado, tenho o dever de informar as autoridades. Mesmo segundo a lei dos homens, é uma obrigação absoluta. Caso contrário, seria omissão de auxílio a uma pessoa em perigo... Um advogado que saiba que um cliente está a planear um homicídio tem de avisar a polícia. Um médico também, como sabe muito bem.

Médico – Mas eu não vou matar ninguém. Vou apenas deixar a natureza seguir o seu curso... Deixar Deus agir, por assim dizer.

Padre – Invoca Deus quando lhe convém. E, no entanto, nem sequer acredita nele.

Médico – Então também vai faltar ao seu juramento?

Padre – Já lhe disse: trata-se de salvar uma vida. Neste caso, não estou vinculado por nenhum juramento.

Médico – Mesmo sabendo que, ao denunciar-me à polícia deste regime totalitário, me condena a uma morte certa?

Padre – Basta cumprir o seu dever de médico para evitar essa condenação...

Médico – Cumprirei o meu dever de cidadão.

Padre – Então não me deixa alternativa...

Médico – Tem a certeza de que vai ser o padre, e não o oficial, a denunciar-me?

Padre – Sou padre antes de ser oficial. Mas sou homem antes de ser padre. E, como homem, não permitirei que tire a vida a outro ser humano.

O telefone toca. O médico atende.

Médico – Sim, sargento? Estou a ouvir... Está bem... Compreendo... Vou assim que puder... (Desliga.) Encontraram o líder da oposição enforcado na cela...

O padre fica abalado.

Padre – É horrível...

Médico – Pedem-me que confirme a morte e declare oficialmente que foi suicídio. Como vê, Padre, o General não tem grandes escrúpulos em mandar matar os opositores. Fá-lo às claras. E cabe-me a mim, como médico legista, disfarçar esses assassínios de suicídios.

Padre – É uma infâmia... Vai prestar-se a essa farsa?

Médico – Ainda há pouco queria que eu me limitasse a obedecer às ordens!

Padre – Nesse ponto, dou-lhe razão. Quando as ordens são ilegítimas, desobedecer é um dever.

Médico – Já lhe expliquei como podia pôr fim a esta escalada de violência sem causar mais sofrimento...

A ação fica suspensa e a luz muda para um novo aparte.

Padre (ao público) – Já que não posso contar com Deus, preciso da vossa ajuda... Imaginem que são padres. O que fariam no meu lugar? Quem denunciaria este médico, depois de o ter ouvido em confissão, para salvar a vida de um homem que também é um tirano impiedoso? Levantem a mão. (Dá tempo para alguns espectadores levantarem a mão.) Quem ficaria calado e deixaria este médico cometer um homicídio, não tratando o doente? Levantem a mão. (Dá tempo para alguns espectadores levantarem a mão.) Mas não são padres, pois não?

A luz regressa ao normal e a ação prossegue.

Padre – Confesso que me sinto impotente perante tanta violência...

Médico – Se falar, ficará com a minha morte na consciência... Já viu como o General trata os opositores. Também me encontrarão enforcado na cela... Vai mesmo denunciar-me?

Padre – Não, se me impedir...

Médico – Impedi-lo? Como?

Padre – Matando-me também...

Médico – É isso que deseja?

Padre – Deixo-o livre de escolher.

Médico – Para não ter de escolher por si próprio... Quem julga que é, oferecendo-se assim em sacrifício? Jesus Cristo? Mas o seu sacrifício não faria sentido nenhum... E não serviria para nada!

Padre – Jesus sacrificou-se para oferecer aos homens a possibilidade de reconciliação. É, aliás, esse o próprio sentido da palavra «religião»: ligar os crentes entre si. E é também o sentido da Eucaristia. A comunhão entre todos os seres humanos...

Um momento de hesitação. O médico parece ter ficado sem argumentos.

Médico – Nesse caso... A missa está dita, Padre... E chegou a hora da picada...

Padre – Estou pronto.

O médico prepara a injeção, sob o olhar do padre.

Médico – Não se preocupe, não vai doer. Mal vai sentir a picada...

Padre – Entrego-me inteiramente nas suas mãos... Tal como todos os seus outros doentes.

O médico dá-lhe a injeção.

Médico – Continua sem querer beber nada?

Padre – Afinal, aceito um copo de água.

Médico – Vou buscá-lo...

O médico sai. O padre repara no processo clínico em cima da secretária. Pega nele, mas não o abre. O médico regressa com um copo de água. O padre volta a pousar o processo na secretária.

Médico – Ah... Cuidado, Padre. Segredo médico...

Padre – De qualquer modo, não saberia interpretar aquelas imagens...

O médico estende-lhe o copo de água e o padre recebe-o.

Médico – Aqui tem a sua água.

Padre – O último copo do condenado...?

Médico – Estaria mesmo disposto a sacrificar-se para fugir às suas responsabilidades?

Padre – Para fugir às minhas responsabilidades, não. Para não ter de trair as minhas convicções, talvez.

Médico – Não será antes uma maneira de fugir à realidade para evitar enfrentá-la? Se calhar, teria feito melhor em tornar-se monge.

Padre – Teria sido mais fácil, sem dúvida.

Médico – E tudo isto para salvar um homem culpado de crimes contra a humanidade.

Padre – Deus encarregar-se-á de o julgar. Ou a justiça dos homens.

Médico – Por enquanto, é ele que faz justiça... E diz fazê-la em nome de Deus.

Padre – Não apoio esta nova Inquisição, acredite.

Médico – Mas também não fez nada para se lhe opor... Depois da queda do regime, podem chamá-lo a depor, sabia? Apesar do segredo da confissão... Acusarão o Padre de ter colaborado.

Padre – Sim... E ao senhor também... É o médico particular do General. E, até agora, não é propriamente conhecido como um opositor feroz... Não será para garantir um futuro tranquilo que quer abandonar o navio mesmo antes do naufrágio... depois de deixar o capitão afogar-se?

Médico – Infelizmente, nem sequer poderia passar por resistente de última hora. Teria precipitado o fim do tirano, mas, como para isso teria traído o meu juramento de médico, nunca poderia vangloriar-me desse feito.

Padre – Podia assassiná-lo às claras. Com um tiro de pistola. Como oficial, tem uma arma e recebe o General regularmente para consultas.

Médico – Receio nunca vir a ser um herói. Nunca serei Bruto a apunhalar César diante do Senado reunido. Não tenho essa coragem. Ao contrário do Padre, não tenho vocação para o sacrifício. Sou apenas um cobarde, na verdade.

Padre – É por isso que este assassínio às escondidas lhe convém tanto, não é?

Médico – O crime sem castigo... Mas também sem glória póstuma.

Padre – Quanto ao castigo, ainda está por ver. Não será executado pela ditadura por ter assassinado o General, mas talvez seja condenado pelos libertadores por ter colaborado com o regime. Tal como eu...

Médico – Está a ver? Também para mim não há uma boa solução. E, no fundo, tem razão. Merecerei o que me acontecer. No início, apoiei este golpe de Estado. Para fugir ao caos. Acreditei nas virtudes do regresso à ordem. Mas, quando é imposta pelos mais fortes aos mais fracos, a ordem depressa se transforma numa nova desordem.

Padre – Infelizmente, tanto a ordem como a desordem são muitas vezes governadas pela lei do mais forte.

Médico – Então que fazer?

Padre – O destino do ser humano é caminhar sem mapa por um deserto sem trilhos, à procura de um oásis que não existe. Por isso, mais vale levar a fé como companheira de viagem...

O médico tira a imagem médica do processo clínico.

Médico – Ou a luz da ciência... Sabe o que é a semiologia, Padre?

Padre – É o estudo dos sinais. Ter fé não impede ninguém de se interessar pela ciência, Doutor. E também há crentes entre os maiores cientistas.

Médico – Em medicina, a semiologia é o estudo dos sintomas que permitem estabelecer um diagnóstico e, por conseguinte, prescrever um tratamento. No fundo, os médicos são os herdeiros dos antigos áugures, que julgavam poder ler o futuro nas entranhas dos animais.

Padre – Na Roma antiga, eram os arúspices que liam o futuro nas entranhas dos animais sacrificados. Os áugures interpretavam sobretudo o voo das aves...

Médico – Seja como for, esses adivinhos também são seus antecessores, não são?

Padre – Sim. Antigamente, o senhor e eu tínhamos a mesma profissão. Só há relativamente pouco tempo os caminhos da ciência e da religião se separaram. Para o melhor e, às vezes, para o pior...

O médico volta a examinar a imagem médica.

Médico – Ler os sinais... Afinal, a medicina ainda não é uma ciência exata... Posso simplesmente ter-me enganado... Aos olhos de todos, seria apenas um erro médico...

Padre – Mas o senhor saberá que deixou morrer deliberadamente um dos seus doentes.

Médico – Pensarei em todos aqueles que terei salvado.

Padre – Tal como os áugures de que falava, acha que consegue conhecer o futuro e mudar, sozinho, o curso da História?

Médico – Posso sempre tentar...

Padre – Como pode ter a certeza de que a queda do ditador não será seguida de um banho de sangue? De uma guerra civil? De uma purga em grande escala? Esta ditadura pode dar lugar a outra. Ainda mais sangrenta. A História mostrou-nos que à Revolução pode seguir-se o Terror.

Médico – Então o quê? Não fazer nada? Não resistir? Mesmo quando se é cobarde e se tem a possibilidade de agir sem correr qualquer risco?

Padre – Não sei...

Médico – Nunca lhe pesou a consciência?

Padre – Já... Mas acredito no valor da palavra dada. No juramento que ambos fizemos. Cada um à sua maneira, pronunciámos votos. Temos de cumprir a palavra, aconteça o que acontecer. Senão, nada se mantém de pé. Até a lei pode ser injusta na sua aplicação. Mas, sem lei, não há civilização. E, sem fé na palavra dada, não há humanidade...

Médico – A palavra também pode ser uma arma. O ditador é aquele que dita. Que dita a sua própria lei. A lei do mais forte.

Padre – E quem decreta, por sua própria iniciativa e à margem da lei, a morte de outra pessoa? Não se torna também um potencial ditador?

Médico – As leis existem para ser interpretadas. Há momentos na vida em que a morte de um homem pode ser a menos má das soluções.

Padre – Talvez hoje. Mas, quando pomos a mão nessa engrenagem, como saber se ela não acabará por nos esmagar por completo? Não chegará um momento em que cada um de nós terá de decidir quebrar este ciclo de violência?

Médico – Então o Padre, tal como aquele futuro sacerdote, teria salvo Hitler de morrer afogado.

Padre – Teria salvado uma criança. Não a teria condenado antecipadamente. Senão, teríamos de prender preventivamente todos os fundamentalistas, porque podem vir a ser terroristas. E prender todos os crentes, porque podem vir a ser fundamentalistas. Por esse caminho, os nossos governantes não tardariam a pôr na prisão todos os que não pensassem exatamente como eles...

Médico – Mas é precisamente o que acontece nesta ditadura com ares de teocracia!

Padre – Pois é. E é por isso que aqueles que a derrubarem têm de evitar a todo o custo reproduzir esse sistema mortífero.

Médico – Ainda há pouco foi o Padre que o disse. Se soubermos que alguém vai cometer um atentado, não devemos detê-lo?

Padre – Mas nunca podemos saber...

Médico – Não podemos ter a certeza, admito... Mas às vezes é preciso defender-nos antes de sermos atacados. Também não é certo que venha a apanhar um vírus e, no entanto, aceita ser vacinado.

Padre – Não pode comparar os piores seres humanos com vírus nocivos que seria preciso eliminar antecipadamente, negando-lhes assim toda a humanidade. O mal existe, antes de mais, em cada um de nós. Cabe-nos combatê-lo dentro de nós antes de o combater nos outros.

Médico – Eu trato da minha parte sombria. Mas isso não deterá a mão de um assassino prestes a atacar.

Padre – Hoje existem modelos que pretendem prever quem se tornará criminoso. Dizem-nos que esses modelos são quase cem por cento fiáveis. Devemos prender essas pessoas preventivamente?

Médico – Também se internam os loucos perigosos.

Padre – Porque perderam a capacidade de decidir livremente...

Médico – E também se pode interromper uma gravidez porque um exame revelou que o bebé nasceria com uma trissomia.

Padre – O que levanta a questão da eugenia em geral... Devemos eliminar à nascença todos os portadores de um gene associado a uma doença? Para que não sejam um fardo para si próprios e para a sociedade...?

Médico – No caso da eugenia, não estamos a falar de criminosos.

Padre – Houve quem afirmasse ter identificado um cromossoma do crime... A ciência moderna faz-nos estranhamente regressar à frenologia do século XIX, que pretendia detetar defeitos congénitos a partir da forma do crânio... Não estamos muito longe dos delírios pseudocientíficos dos cientistas nazis, que conduziram a extermínios em massa. Com o projeto sinistro de criar uma raça superior. Não será o grau de civilização de uma sociedade medido, antes de mais, pela maneira como trata os mais fracos?

Médico – Por enquanto, a questão é sobretudo saber o destino que devemos reservar ao homem forte deste regime. Acredita mesmo que o General ainda se pode emendar? E quão sincero seria esse arrependimento, agora que a multidão já protesta às portas do Palácio Presidencial...?

Padre – Caberá aos tribunais dos homens julgá-lo. E determinar a sua responsabilidade. Até que ponto somos livres perante o determinismo? Eis a questão... Se o nosso destino está traçado desde o nascimento, deixamos de ser seres humanos e passamos a ser máquinas programadas de antemão. Não posso aceitar viver num mundo assim... Se pensa que uns estão programados para fazer o mal e outros para fazer o bem, deixa de haver liberdade, responsabilidade ou possibilidade de redenção. Bastaria separar cientificamente o trigo do joio até eliminar todas as ervas daninhas. Não seria isso uma sociedade totalitária?

Médico – Acredito na liberdade. Mas não numa liberdade absoluta... Somos mais ou menos livres de escolher a resposta, mas a pergunta é-nos imposta. Pense numa família numerosa. Cada filho tem de encontrar o seu caminho perante o mesmo contexto. E cada um responde de maneira diferente, conforme aquilo que é e as escolhas que faz.

Padre – Sim... Quem foi vítima de violência pode tornar-se violento ou não. Também é aí que fazemos as nossas escolhas, é verdade. Mas quero acreditar naquilo a que hoje chamamos resiliência.

Médico – Exatamente. Escolhemos em função das circunstâncias que nos são impostas e da pessoa que somos. Mas teremos realmente escolhido quem somos?

Padre – Acha que o General estava destinado a tornar-se ditador? Que não teve escolha? E conclui daí que devíamos tê-lo eliminado à nascença? Que, tal como o pequeno Hitler, devíamos tê-lo afogado?

Médico – Não sei... O que me parece é que este debate filosófico é um pouco inútil... Enquanto, lá fora, debaixo das nossas janelas, há pessoas a lutar para mudar o curso da História.

Uma pausa, durante a qual se ouve o tumulto da rua e rajadas de armas automáticas.

Padre – Por enquanto, infelizmente, como médico e como padre, só nos resta esperar, impotentes, para ver o resultado deste confronto. A propósito... O que o levou a tornar-se médico?

Médico – O meu pai era cirurgião. Um dos meus irmãos é radiologista e o outro é dentista. Tenho uma pesada herança familiar. E o Padre? Suponho que o seu pai não era monge.

Padre – O meu pai era talhante... Não era crente e não aprovou a minha decisão de ser padre.

Médico – Deve ter ficado desiludido por não haver ninguém para continuar o talho da família...

Padre – Um filho padre... Acho que preferia que lhe tivesse anunciado que era gay...

Médico – É filho único?

Padre – Tenho quatro irmãs. E garanto-lhe que nenhuma entrou para um convento...

Médico – Quatro irmãs... E também resolveu andar de saias.

Padre – Tem filhos, Capitão?

Médico – Tenho um filho.

Padre – Se o seu filho fosse um criminoso e o procurasse, ferido, para receber tratamento, deixá-lo-ia morrer?

Médico – Provavelmente não.

Padre – Ao tornar-me padre, decidi, como Nosso Senhor, considerar todos os seres humanos como meus próprios filhos. Compreenderá que não posso aceitar deixar morrer um deles, nem sequer o pior.

Médico – O meu filho é mais corajoso do que eu. Neste preciso momento, está nas barricadas. Pode ser morto a qualquer instante. Também é para o salvar que quero pôr fim a este regime, e a este tirano, o mais depressa possível.

Padre – Mas ainda nada está escrito. O pior nunca é uma certeza.

Médico – Receio que seja mais do que provável, infelizmente.

Uma pausa. Novo tumulto lá fora.

Padre – De certa maneira, tenho pena de si... Deve ser muito triste viver num mundo em que a vida de cada um já está determinada à partida.

Médico – Embora, para os criminosos, o determinismo seja uma boa desculpa para fugirem às responsabilidades. Conhece esta outra história? Um homem vê uma serpente presa debaixo de uma pedra. A serpente implora-lhe que a liberte, prometendo não o morder. O homem levanta a pedra, e a serpente morde-o. Quando ele está a morrer, a serpente pede-lhe desculpa, explicando que matar faz parte da sua natureza.

Padre – Então também faz parte da minha natureza impedi-lo de cometer este crime.

Médico – Mesmo que tenha de me denunciar e condenar-me a uma morte certa?

Padre – Se não me der outra escolha.

Médico – Não o fará.

Padre – Porque, em vez de uma vacina, me injetou um veneno, como a serpente de que falava?

Médico – Acha que foi isso que fiz?

Padre – Podia ter deixado morrer o General sem me contar nada em confissão... Já tinha tomado a decisão, não tinha? Porque se confessou comigo sobre um crime que ainda não cometeu?

Médico – Talvez porque precisava que alguém me encorajasse... Sou um cobarde, já lhe disse. Precisava da sua bênção...

Padre – Se me injetou realmente um veneno, saiba que lhe perdoo... E, assim, também me poupará um problema de consciência...

Médico – Era isso que queria, não era?

Padre – Rezarei por si enquanto me restar vida...

Médico – Deve ser a primeira vez na História que um padre é assassinado durante uma confissão e absolve o assassino logo a seguir.

Padre – Apesar de tudo, lamento não o ter conseguido convencer...

Uma pausa.

Médico – Atirar ou não uma corda a um tirano que se afoga...? Talvez para o enforcar...

O telefone toca. O médico atende.

Médico – Sim, sargento... Sim... Quando? É horrível, sem dúvida... Compreendo... Está bem... (Desliga.) O General acaba de morrer de um ataque cardíaco...

Padre – Meu Deus do Céu...

Médico – Sabe muito bem que Deus não teve grande coisa a ver com isso...

Padre – Mas, agora que a sua falta está consumada, posso absolvê-lo...

Médico – A sério?

Padre – Se estiver sinceramente arrependido.

Médico – Seja como for, não tenho orgulho nenhum no que fiz.

Padre – Contento-me com isso... Que Deus, Pai de misericórdia, que reconciliou o mundo consigo pela morte e ressurreição do seu Filho, lhe conceda o perdão e a paz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, absolvo-o dos pecados que confessou e restituo-o à comunhão da Igreja. Que o Senhor esteja consigo.

Médico – Também me absolverá de o ter assassinado?

Padre – Já lhe perdoei. Mas, para o absolver, seria preciso que o crime tivesse sido realmente cometido e que eu já estivesse morto. Parece-me, portanto, difícil... Terá de arranjar outro confessor.

Médico – Estou a ver...

Padre – Mas não me envenenou realmente, pois não?

Médico – E o Padre? Ter-me-ia mesmo denunciado?

Padre – Quem sabe...?

Médico – Em todo o caso, não morrerá de nenhuma doença contagiosa... Está vacinado para os próximos anos...

O padre levanta-se para sair. O telefone toca. O médico atende.

Médico – Sim, sargento... Obrigado por me avisar... (Desliga.) Os manifestantes estão a invadir o Palácio. Em breve teremos de prestar contas dos nossos atos...

Padre – Que Deus nos ajude...

O médico tira uma pistola de uma gaveta e pousa-a na secretária.

Médico – Ajuda-te... E o Céu te ajudará.

Padre – Contra quem tenciona usar essa arma, Capitão? Contra os seus companheiros de ontem ou contra os seus amigos de hoje, que provavelmente nem o consideram um dos seus?

Médico – Logo veremos, Padre. Por agora, temos é de salvar a pele. Não fiquemos aqui...

O médico levanta-se. Os dois dirigem-se para a saída.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Março de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-176-3

Documento para download gratuito